

## A VIOLÊNCIA E A OPRESSÃO NA ESCOLA\*

Raquel Souza Lobo GUZZO\*\*

Discutir a violência e a opressão na escola, identificar suas causas e propor meios de controle e prevenção não tem sido uma tarefa fácil. Especialmente no Brasil, este tema vem sendo abordado fora do contexto educacional, muito embora suas evidências justifiquem ações efetivas de conscientização, prevenção e controle junto a professores, diretores e pais na instituição do ensino.

As dificuldades em se discutir a violência e opressão na escola são decorrentes de aspectos desta questão, tão polêmicas quanto importantes: em primeiro lugar coloca-se o caráter multifacetado deste tema, o qual pressupõe uma compreensão acurada da dinâmica familiar, das características individuais e do contexto sócio cultural onde se desenvolvem as relações violentas e opressoras.

Em segundo lugar, encontram-se as razões advindas da prática da investigação, da pesquisa, enfim da produção do conhecimento nesta área. A ausência de elementos especializados nas escolas que busquem conhecer o problema, a inexistência de parâmetros científicos que subsidiem uma estratégia educacional de controle e prevenção, tornam a escola um espaço por excelência, onde a violência e opressão ocorrem sem que se tenha registros sobre frequências e formas de agressão nem sobre outras características da situação, do agressor ou da vítima.

A proposta desta apresentação é trazer à tona alguns indicadores da situação sem pretender esgotar o assunto.

(\*) Mesa Redonda apresentada na VI Semana Multidisciplinar do Curso de Pós-Graduação em Psicologia da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, 1988.

(\*\*) Professora de Pós-Graduação — PUCCAMP.

Diariamente episódios violentos vem ocorrendo na sociedade, sob as mais diversas formas e contextos. As notícias veiculadas através dos meios de comunicação de massa começam a divulgar aspectos violentos do cotidiano da escola, relacionando-os a atitudes de professores, pais e próprios alunos, sem que estes episódios sejam analisados sistematicamente e objetivamente, resultando em medidas eficientes de controle.

Como um espaço institucional, cuja tarefa primeira é a de dotar sua clientela com o instrumental básico para o exercício da atividade social, profissional, intelectual e cívica, tal como aponta SOUZA (1979), a escola deveria ser um fórum de debates sobre estas questões, dos quais resultariam programas para a prevenção e controle destas situações.

Os estudos sobre violência e opressão na escola vem apontando três formas de ocorrência deste fenômeno: a física, a psicológica e a institucional, que o podem ocorrer isoladamente ou em conjunto e têm sido considerados igualmente prejudiciais ao desenvolvimento da saúde mental do estudante.

a) **violência física:** caracterizada por ações agressivas envolvendo contato físico, tais como bater, prender ou machucar. A palmatória é um exemplo típico de punição no contexto escolar envolvendo violência física, pelo menos "declaradamente" em seus estatutos e regimentos. Entretanto, sabe-se que em inúmeras salas de aula brasileiras, esta ação violenta continua ocorrendo, tanto nas relações entre alunos, como entre alunos e professores.

b) **violência psicológica:** tão maléfica quanto as agressões físicas estão as violências praticadas no âmbito psicológico. Neste caso, as relações interpessoais são as responsáveis diretas por um estado tensional, cujas conseqüências nem sempre podem ser conhecidas a curto prazo. Utilizando a expressão de HARPER, CECCON, OLIVEIRA & OLIVEIRA (1980) "a escola é por outro lado uma instituição que desequilibra os organismos mais sensíveis aos distúrbios psicossomáticos" (pág. 13) gerando problemas emocionais.

c) **violência institucional:** neste nível encontram-se os atos violentos praticados em razão da instituição em si, do seu estatuto, de seus programas e currículo, das leis e dos decretos. Particularmente neste nível, devem ser ressaltadas as violências

decorrentes da arbitrariedade na explicitação de critérios, de programas e currículos, do abuso do poder institucional e da ausência de estratégias alternativas para a solução de problemas individuais, quase sempre gerados dentro da própria escola.

Dos tipos de violência praticados na escola, a consequência preponderante tem sido o stress-acadêmico. Segundo dados estatísticos fornecidos por BARKER (1987) em um estudo conduzido nos Estados Unidos, uma classe de vinte e cinco alunos com condições normais de desenvolvimento, de um a três estudantes desenvolviam o stress acadêmico com interferências sérias no aproveitamento escolar. Esta causa importante, muitas vezes despercebida por professores e pais, além de resultar em fracasso escolar, pode provocar problemas emocionais e comportamentais, abuso de drogas, problemas de saúde e suicídio.

Embora venha sendo demonstrado que a redução do stress acadêmico melhora significativamente o desempenho de crianças com dificuldades de aprendizagem (FREY, 1980), os programas de controle do stress na escola são praticamente inexistentes, principalmente no Brasil.

RUBENZEL (1987) aponta os seguintes indicadores de stress com relação as violências ocorridas em situações acadêmicas:

- 1) repentinos e dramáticos aumentos e diminuições de esforço e empenho na escola;
- 2) alterações importantes nos comportamentos emocionais (irritabilidade, falta de entusiasmo, tristeza, desatenção, etc.);
- 3) comportamentos hiperativos ou repetitivos, por exemplo: Idas ao banheiro, apontar lápis, andar pelas carteiras, dificuldades de concentração, etc.
- 4) fadiga ou problemas de saúde e sono em excesso;
- 5) uso de drogas;
- 6) esquiva de situações oficiais de avaliação por diversas razões;
- 7) falta ou excesso de apetite;
- 8) roer unhas.

A presença destes eventos isoladamente ou em conjunto, ou então mudanças comportamentais bruscas em direção

a esses indicadores, devem merecer a atenção de educadores e psicólogos, no sentido de compreender suas origens e planejar intervenções adequadas.

O controle destas situações deve começar pelo planejamento de programas de prevenção da violência, que têm sido definidos por REYNOLDS & GUIKIM (1979) como um conjunto de ações estabelecidas com a finalidade de "impedir ou frustrar a ocorrência de problemas específicos mas também de promover o desenvolvimento integral do aluno". (pág. 776)

Ainda segundo esses autores, a estruturação destes programas se fez necessariamente por etapas, as quais devem ser avaliadas constantemente para assegurar os resultados pretendidos. Na primeira etapa, pode-se considerar o momento da definição do problema, sua descrição segundo critérios e variáveis relevantes ao grupo estudado. A segunda refere-se ao desenvolvimento de um plano de ação-piloto, com a avaliação de seus objetivos e estratégias. Segue-se a implantação em grande escala e finalmente a institucionalização, com a disseminação do programa a nível oficial.

Escolas e técnicos deveriam procurar, com eficiência, meios de melhor conhecer e controlar os determinantes do fracasso acadêmico e dos problemas psicossociais da população escolar. Ao mesmo tempo, poder-se-ia assegurar ao professor condições técnicas e econômicas de exercer sua ação educativa. Romper-se-ia desta forma um significativo elo do vicioso círculo da violência, abrindo possibilidades concretas de se reverterem assim as pessimistas expectativas acerca da saúde mental e desenvolvimento acadêmico daqueles que passam pela escola para tornarem-se emocionalmente livres e intelectualmente autônomos.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARKER, B. Helping students cope with stress. *Learning*, 1987, 15(5), p. 45-49.
- FREY, N. Improving performance of poor readers through autogenic relaxation training. *The Reading Teacher*, 1980, May, 928-932.

- HARPER, B.; CECCON, C.; OLIVEIRA, M. D. & OLIVEIRA, R. D. Cuidado Escola! desigualdade, domesticação e algumas saídas. Brasiliense, 1980.
- REYNOLDS, C. R. & GUIKIM, T. B. (Ed) The Handbook of School Psychology. New York: JOHN WILLEY & SONS, 1982.
- RUBENZER, R. L. Stress management for the learning disabled. Virginia: Eric Digest, 1988.
- SOUZA, P. N. Desafios educacionais brasileiros. Pioneira, SP, 1979.

## INFORMATIVO

### DEPARTAMENTO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

#### DISSERTAÇÕES DEFENDIDAS

- 02-12-75 SONIA MARIA RIBEIRO WOLF  
Orientador: Dr. Miguel de La Puente  
"Uma Experiência de Grupo de Encontro Básico com Jovens Sujeitos Farmacodependentes".
- 27-07-76 SAULO MONTE SERRAT  
Orientador: Dr. Jefferson Morris Fish  
"Aspectos Cognitivos e Educacionais de Crianças e Adolescentes Vítimas da Talidomida".
- 27-07-76 MARIA EMILIA TORMENA  
Orientador: Dr. Jefferson Morris Fish  
"Desenvolvimento Motor em Pré-Adolescentes e Adolescentes Vítimas da Talidomida".
- 27-07-76 REGINA MARIA LEME LOPES DE CARVALHO  
Orientador: Dr. Jefferson Morris Fish  
"Psicodiagnóstico de Rorschach em Pré-Adolescentes Vítimas das Talidomida".
- 22-06-77 SEBASTIÃO ELISEU JÚNIOR  
Orientador: Dr. Maurício Knobel  
"Mecanismos de Defesa do Ego na Formação do Sonho".